



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS FRANCO**

**CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA**  
**APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA**  
**MUNICIPAL DE CAMAÇARI/BA**

Salvador  
2016

**PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS FRANCO**

**CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA  
APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA  
MUNICIPAL DE CAMAÇARI/BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para fins de aprovação no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Leila da Franca Soares

Salvador  
2016

**PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS FRANCO**

**CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA  
APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA  
MUNICIPAL DE CAMAÇARI/BA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para obtenção do grau de Especialista em docência na Educação Infantil.

Salvador, 18 de junho de 2016.

Banca examinadora:

Profa. Leila da Franca Soares (Orientadora) \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA),  
Universidade Federal da Bahia.

Profa. Marília Regis Dourado \_\_\_\_\_  
Especialista em Educação  
El Instituto de Estudios para Las Américas (INEAM)

A Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia socorro presente na hora da angústia.

Aos meus pais, irmãos, meu esposo Ricardo, meus filhos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pai supremo, o autor da minha vida e quem me faz acordar todas as manhãs dando-me capacidade para enfrentar o que há de vir, pela dádiva da vida. Por me conduzir seguramente na estrada do bem e ter me direcionado para alcançar meus objetivos. É nele que está toda a minha confiança e a esperança de que não estou só

Aos meus pais: Antônio e Carmem, que com carinho e simplicidade me ensinaram a valorar a vida, com eles aprendi princípios que carrego no meu coração e que jamais serão esquecidos. Obrigada por vocês me ensinarem e permitir que eu seja quem realmente sou. “Vocês são exemplos para mim e o que eu conquistei até aqui é também uma conquista de vocês, que me ajudaram a preparar o caminho que eu estou seguindo”.

Ao meu esposo, Ricardo, que com imenso amor, afeto, compreensão e dedicação se fez presente, incentivou e contribuiu para a conquista desta vitória.

Aos meus irmãos Laercio e Iran, que desde a infância me ensinaram que a união fraternal é um grande tesouro. Agradeço ainda a todos os meus familiares e amigos que acreditam no meu potencial.

Aos meus filhos Pedro Ricardo e Ryan por compreender minhas ausências e me apoiar com demonstrações de afeto e carinho sempre. “Amo vocês!”

De modo especial, agradeço à professora orientadora, Leila da Franca Soares que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho. Agradeço também aos professores, excelentes profissionais, que encontrei nessa caminhada e com quem aprendi coisas que não estão escritas nos livros.

As colegas Elisangela e Ana Cleide, companheiras de trabalho, de estudos, de percurso. Meninas, obrigada pelas experiências maravilhosas que vivenciamos: os trabalhos em grupo, as viagens (e que viagens “rsrsrsr”), os momentos que compartilhamos, de alegrias e tristezas, os micos, os medos.

FRANCO, Patrícia Ferreira dos Santos Franco. Contribuições do brincar para aprendizagem: uma experiência numa escola municipal de Camaçari/BA. 56 f. il. 2016. Monografia (Especialização)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

## RESUMO

Este estudo investiga sobre as contribuições do brincar para a aprendizagem das crianças de 5(cinco) anos no espaço da Educação Infantil. Tem como objetivos: ampliar o conhecimento sobre a importância do brincar; investigar as habilidades e competências que as crianças podem desenvolver a partir do brincar e constatar os avanços das aprendizagens, a partir do ato do brincar. Além disso, foi possível promover uma discussão sobre como os jogos, brinquedos e brincadeiras influenciam no processo de socialização das crianças. Para a realização desta investigação, primeiramente, foi feita uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em referências significativas, Moyles (2006), Kishimoto (2011), Brougere (1994), Wajskop (1994), OLIVEIRA, (2011), Vygotsky (1998) Cruz (2008). Posteriormente, foi realizada pesquisa de campo numa Escola Municipal de Camaçari na zona rural, atendendo aproximadamente 150 alunos da Educação Infantil, na faixa etária de 03 até 05 anos. Foram feitas observações nos espaços onde as crianças brincam e registradas, através de fotografias, filmagens e o diário de campo. Vale ressaltar que os dados produzidos foram analisados, durante todo processo de pesquisa. Por fim, foi possível concluir que a brincadeira é essencial para a criança e quando, mediado, pelo professor, de modo lúdico e criativo, possibilita à criança ampla compreensão e interação social.

**Palavras-chave:** Brincar; Brincadeira; Educação infantil; Aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>VISÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO</b>	<b>18</b>
2.1	A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO TEMPO HISTÓRICO	22
<b>3</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A INFÂNCIA</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>O BRINCAR E APRENDIZAGEM: A EXPERIENCIA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMAÇARI/BA</b>	<b>35</b>
4.1	EMPILHANDO CAIXAS	38
4.2	FAZENDO TORRE COM POTINHOS DE IOGURTE	40
4.3	FRITANDO E COMPRANDO ACARAJÉ	42
4.4	FAZENDO BOLO DE CENOURA	44
4.5	FAZENDO UMA FESTA	47
4.6	VIAJANDO DE ÔNIBUS	49
4.7	BRINCANDO COM PNEUS E A GALINHA CHOCA	50
4.8	ASSISTINDO DESENHO NO COMPUTADOR	51
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Eu me emociono ao recordar, de cada conquista alcançada, até esse momento da minha trajetória profissional. Quando surgiu a oportunidade de me inscrever neste curso de Especialização em Docência na Educação Infantil senti-me muito estimulada, pois enxergava, nele, a chance de concretizar um desejo que já vinha alimentando há muito tempo. Essa oportunidade chegou, através da minha gestora-coordenadora, Elisângela Rosa, que realizou a minha inscrição e acompanhou todo o meu processo até a homologação dos resultados.

Mesmo com muitas dificuldades encontradas no caminho, concluí o Memorial de seleção com a esperança de que tudo daria certo e que conseguiria a classificação. Dias de ansiedade se passaram e a expectativa pelo resultado aumentava. Quando recebi o resultado positivo tive um momento único de agradecimento a Deus por tamanha vitória alcançada, vitória essa que foi buscada com muita garra e muito esforço. Tive que correr contra o tempo para organizar toda a documentação e realizar a matrícula. Pude logo perceber a grandiosidade que seria este curso quando fui informada que já se iniciaria com um seminário, um final de semana inteiro, um desafio, pra quem chegava de uma jornada de trabalho semanal intensa e com um filho, ainda bebê, para cuidar, mas não desanimei e nem pensei em desistir, pois tinha convicção que todo esse esforço, sacrifício e renúncia produziria bons frutos para toda minha família, pois minha realização profissional é o desejo deles também.

A aula inaugural de abertura do curso com um seminário foi marcante, superou todas as minhas expectativas e me proporcionou grandes aprendizagens que levarei por toda vida profissional e pessoal. No primeiro dia do seminário fui impactada com um relato emocionante da professora Mary Arapiraca sobre o seu netinho, de oito anos de idade, que havia sido reprovado no conselho de classe da escola e perdido de ano por ter sido avaliado, 'rotulado', como inquieto, peralta, sapeca, que não fica quieto na escola. Segundo a avaliação da professora não poderia aprová-lo pelo seu comportamento, desconsiderando e ignorando, assim, todas as habilidades e



competências construídas ao longo do ano letivo. Naquele momento, pude refletir sobre minha prática e buscar caminhos para a mudança de atitude a que, muitas vezes, somos submetidos no sistema avaliativo das nossas instituições de ensino. Pude, então, compreender, através da palestra do professor Claudemir Belintane, a magnitude do poema de Manuel de Barros quando ele afirma “O esplendor da manhã não se abre com a faca” A partir daí, aprofundei o meu entendimento de que cada ser, cada criança tem o seu tempo, o seu momento, e querer antecipar ou retardar o seu desenvolvimento é violar o seu direito de ser criança.

Questiono-me, agora, sobre o que me levou e o que me faz continuar dentro de uma sala de aula, e me sinto fortalecida ao lembrar a fala da terapeuta, Josiêda Amorim, em nosso segundo dia de Seminário, quando ela afirmava que “educar é fazer crescer o que já existe” e que “somos um corpo de memória e que não devemos olhar o outro como se nada soubesse—não importa a idade”, vejo-me desafiada a contribuir para que as carências da família contemporânea sejam supridas, construindo laços que possam contribuir para o crescimento do que já existe dentro de cada indivíduo.

Finalizando o segundo dia do seminário, a expectativa foi em torno de ampliar o repertório musical e levar novos conteúdos para os alunos, através da Oficina de Música com o professor Jean Prado que me deixou encantada com as possibilidades de conteúdos que poderei explorar usando apenas a sigla TECLA (técnica, execução, composição, literatura, apreciação) para estudar diferentes aspectos de uma determinada música no meu dia-a-dia com meus alunos.

E assim o encerramento do nosso Seminário foi marcado por muita emoção refletindo a música *Redescobrir* que me trouxe muitas memórias boas, outras nem tanto, porém marcantes e que me levou a compreender que “*tudo é nosso, sempre esteve em nós, somos a semente, ato, mente e voz, tudo principia na própria pessoa, assim como a criança que vai e não teme o tempo*”, como nos fala a música, irei à busca de mudanças que possam ser significativas para a minha prática, para o meu fazer pedagógico, transformando “*através do amor toda dor em prazer. Magia!*”.

Terminado o Seminário, a Professora Lícia Beltrão utilizando, graciosamente, a *Palavra* lançou-nos um convite para participar de uma festa de alto nível, acessível a qualquer pessoa que procura aprofundar seus conhecimentos. Foi a Festa da Palavra que teve como objetivo dar continuidade ao processo de escrita do memorial. Dessa forma, eu compreendi que, através da palavra, podemos revolucionar o mundo, pois ela é um veículo onde é possível expressar sentimentos, ideias, desejos e construir conceitos. A palavra está em todos os lugares, em todas as coisas, em todas as pessoas, através dela nos comunicamos, socializamos, nos movemos. A palavra nos motiva, nos alegra, nos enriquece, mas também abate, empobrece... Depende de como cada pessoa dá ou recebe a palavra. Com a Festa da Palavra pude construir conhecimentos que me ajudaram na escrita deste trabalho.

Na Oficina Expressão e Arte na Infância, o professor Pinduka me fez relembrar os momentos mágicos que vivi na infância. Na sua primeira aula, ele solicitou que nós relatássemos sobre a nossa primeira experiência de arte na infância. Naquele momento, me vi sentada no quintal, iluminado pela lua, na casa dos meus avós, junto com meus irmãos e primos ouvindo belas histórias, contadas por meu avô. Hoje, eu compreendo que Artes é muito mais do que colorir desenhos ou enfeitar latas para oferecer, como lembranças, em datas comemorativas como costumava acontecer na escola. Sobre isto Munari (1968) afirma:

Cada um vê aquilo que sabe. Conhecer as imagens que nos rodeiam significam também alargar as possibilidades de contato com a realidade; significa ver mais e perceber mais”.

Mas o que isso significa? O que isso quer dizer?

Ainda, de acordo com Munari, nossas experiências e conhecimentos influenciam nosso olhar. Portanto, conhecer vai além da capacidade de enxergar ou de ouvir. Conhecer é compreender, é ser capaz de extrair de um objeto seus sentidos ou suas razões, Por isso, conhecer, longe de ser uma absorção passiva do repertório de alguém, exige do apreciador um repertório e um esforço de interpretação das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida. (MUNARI, 1968, p19-20)

O contato com as Artes é primordial, além da produção e da contextualização. É essencial fazer apreciação não só das obras, mas também do trabalho das crianças. A Oficina me ajudou a compreender que na prática artística há um pensar fazendo e um fazer pensando. Dessa forma, no

momento em que ofereço uma obra de arte para o meu aluno proporciono que ele reflita sobre o que aprecia e espero que possa, futuramente, transformar a sua ação, desenvolver teorias próprias a partir das fontes, ali, presentes.

Nos estudos interativos com a professora Marlene Oliveira sobre Infâncias e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de educação Infantil compreendi a grande responsabilidade que tenho como educadora da infância e uma necessidade urgente em aprofundar meus estudos para conhecer as diferentes concepções de infância e de criança. Dessa forma, acredito ser capaz de entendê-las, reconhecer suas competências, suas habilidades e sua participação em diferentes espaços sociais, valorizando-as e acreditando na sua capacidade de interagir, produzindo e modificando o meio.

As oficinas que compõem este curso de Especialização em Docência na Educação Infantil nos inspiram, aguçam a nossa criatividade e nos dão suporte para desenvolver atividades dinâmicas e criativas com as crianças.

Com a oficina corpo e voz/teatro entendemos as narrativas teórico-práticas do fazer teatro na escola não como performance, mas como instrumento para expressão de conhecimentos, formação do humano, educação do sensível interligando ser, conviver e fazer. O fazer preserva a relação entre o brincar e a criação e mergulha na complexidade do sujeito fazendo com que esse ser complexo se expresse cada vez mais.

Na oficina intitulada Alvorço de Histórias, ministrada pela professora Luciene Mota distinguimos os elementos da tradição oral, tradicional do que é arcaico. Arcaico é tudo aquilo que é antigo, velho, obsoleto, não se move, perdeu o seu valor. Por outro lado, a palavra tradicional, nos remete a uma sensação de “raízes” ou aquilo que “incorporou” e não se vive sem. O arcaico não se adapta ao novo, já o tradicional, complementa-o.

Há pessoas que mantem os costumes de suas famílias, mas não são arcaicas. Existem inúmeras instituições tradicionais no campo da educação, que estão no mercado há anos e nem por isso se tornaram arcaicas. Para Valsina (2010) tradição é o testemunho transmitido verbalmente de uma geração a outra. Através da tradição oral, popular muitos ensinamentos e valores podem ser transmitidos para as gerações atuais e futuras.

O seminário para apresentação do projeto de pesquisa constituiu um momento de aprendizado onde a orientadora professora Leila da Franca Soares fez as devidas observações e orientou-nos para a melhoria do texto, chamando-nos a atenção para a importância da introdução que deveria ser o último tópico de um trabalho de pesquisa e que na mesma teria que estar claro o objeto de estudo, a pergunta, com sua historicidade a justificativa e os objetivos.

Ainda no Seminário de Pesquisa: Mesa redonda sobre Sociologia da Infância com as professoras Natalia Fernandes e Ordalia Almeida discorrendo sobre o tema Infância, direitos e educação Infantil... Qual o lugar da criança? As reflexões foram em torno da infância e dos seus direitos e a forma como se plasam (ou não) na educação infantil. “(A Criança é considerada como o não adulto e este olhar autocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano “completo”...)” (Sarmiento 2000:157).

Abordaram-se ainda Perspectivas teóricas em jogo para entender a criança como sujeito ativo de direitos: Psicologia do Desenvolvimento- traz a perspectiva normativa onde as crianças vistas como vulneráveis objetos de preocupação.

Sociologia da Infância-Acriança passa de recipientes passivos do adulto que ensina, protege e cuida para atores sociais e participativos ativos na construção de suas vidas.

Estudos da criança - Emergência de um campo interdisciplinar “[...] os estudos da criança possibilitam a construção de redes e interlocuções entre as áreas de conhecimento científico relevante e implicados sobre, mas sobretudo com as crianças” (DORNELLES E FERNANDES,2012:3).

Através do componente Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial com o professor Dr. Roberto Sidnei Macedo compreendemos que não há neutralidade numa pesquisa, que a mesma é uma aventura pensada, e temos que nos preparar para tal, trazendo narrativas que abordem a experiência dialogando com a narrativa. Toda pesquisa deve estar fundamentada, isto é, deve haver um diálogo com autores que discorram sobre o tema, concordando ou

discordando com cada ponto de vista. Uma pesquisa de base qualitativa está interessada em ouvir o sujeito e esta não aceita uma interpretação sobre uma ação se não tiver enraizada na cultura, não dispensa a narrativa do sujeito.

A Etnopesquisa possui algumas características que são fundantes: A realidade é uma construção de sujeitos sociais, Prima pela contextualização, indexicalização (indexicalizar, quer dizer enraizar), historicização, compreensão dos etnométodos tem com subsídio ineliminável os sentidos, o ponto de vista, a definição de situações, a compreensão de compreensões, valoriza a pertinência do detalhe e a descrição densa, tem na linguagem e na narrativa fonte fecundas de compreensão, intenção e interação são fundantes na realidade humana.

Diante de tudo que nos foi exposto ainda nos restava algumas indagações acerca da pesquisa que optamos por fazer. Dentre elas a pergunta: como nos distanciar da pesquisa trabalhando no local onde se faz a pesquisa? No entanto compreendemos que pelo fato de estarmos na faculdade, neste curso de Especialização já estamos nos capacitando para tal então só temos que ouvir o autêntico (mesmo que seja um absurdo) se desvinculando dos pré-conceitos. Compreendemos que toda pesquisa é um processo de aprendizagem e que ela nos desloca do lugar comum, esse deslocamento nos permite encontrar estratégias, formas e maneiras cabíveis para organizar nossas vidas, nossas relações de acordo com a cultura.

O componente Metodologia de Pesquisa e Educação Infantil da professora Maria Elisa Pacheco foi um dos mais desafiadores, pois foi o que nos inquietou no formato de uma pesquisa denominada, por ela, de pesquisação. Assim, fomos orientadas a fazer uma abordagem sobre nossa prática docente, nos posicionando como sujeito e objeto da pesquisa ao mesmo tempo, com um olhar crítico, detalhando os fatos, identificando vazios e faltas enquanto docentes da educação infantil para assim poder melhorar a nossa prática no contexto da sala de aula.

A partir da construção do inventário da prática pedagógica algumas questões abordadas trouxeram certa inquietação que nos levou a fazer uma revisão de literatura voltada ao tema as contribuições do brincar na educação

infantil. Surgiu então o objeto dessa pesquisa, que seria: como o brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança? Através da revisão de literatura encontramos caminhos para aprofundar os conhecimentos acerca da importância do brincar na educação infantil e suas contribuições para a aprendizagem, baseado nos autores que discorrem sobre o tema.

Nesse sentido, meu problema de pesquisa é descobrir como o brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança? Como objetivo geral desta pesquisa, procuro evidenciar as contribuições do brincar para a aprendizagem, tendo como objetivos específicos, investigar as habilidades e competências que as crianças podem desenvolver a partir do brincar e constatar os avanços das aprendizagens no ato do brincar.

Para fundamentar teoricamente a discussão, proposta nesta pesquisa bibliográfica, selecionamos algumas referências relevantes e importantes, como por exemplo, Sommerhalder e Alves (2011) que evidencia ser fundamental o brincar com uma intenção educativa ou pedagógica na escola; Cruz (2008) que afirma que o não dito, pela a criança, muitas vezes, pode ser expresso pelo brincar; Moyles (2006) que acredita que um currículo que sanciona e utiliza o brincar, provavelmente produzirá cidadãos equilibrados no futuro e crianças mais felizes no presente; Kishimoto (2011) destaca que a utilização do jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora; Brougere (1994) foca o brinquedo como um objeto industrial ou artesanal destinado às crianças, de um objeto da cultura material, de interesse do fabricante, de adultos e de crianças que juntos produzem a cultura da infância (o brinquedo), afirma ainda que o brinquedo é o suporte da brincadeira, que produz a cultura lúdica; Wajskop (1994) que afirma que a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, pois ao brincar, o desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das possibilidades de interação entre pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Com o intuito de alcançar o objetivo deste trabalho a metodologia escolhida é de abordagem qualitativa. Segundo González Rey (2002), este tipo de pesquisa é um processo progressivo de construção e interpretação da informação, um caminho que acompanha todos os períodos da pesquisa. Optamos assim, pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial, de cunho etnográfico.

Segundo Macedo (2000) para “o etnopesquisador crítico dos meios educacionais, o outro é condição irremediável para a construção de conhecimentos nos âmbitos das práticas educativas”. (MACEDO 2000, p.58) Por ser um estudo voltado para o social, que tem as pessoas como objeto de pesquisa, o etnopesquisador “não considera os sujeitos de estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista” (MACEDO, 2004, p. 30).

Esta pesquisa ocorreu numa Escola Municipal de Camaçari, que está localizada na estrada Velha de Monte Gordo, zona rural, atendendo aproximadamente a 150 alunos da Educação Infantil, na faixa etária de 03 até 05 anos.

A referida escola possui cinco salas de aula, sala de vídeo, refeitório, cozinha, banheiros adequados à idade das crianças, secretaria, parque, horta e uma área para brincadeiras livres.

O corpo profissional é formado por gestora, coordenadora, 5 professores, 2 auxiliares de disciplina, 1 assistente de creche, porteiro, merendeira e 4 auxiliares de serviços gerais.

Trata-se de uma escola de pequeno porte, que atende a uma comunidade carente e as famílias. Os sujeitos da pesquisa serão as crianças, pois elas se expressem como atores sociais.

Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, a relação que se estabelece com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 53).

Para a realização desta pesquisa buscamos aprofundar os conhecimentos acerca do brincar e suas contribuições para a aprendizagem através de leituras, discussões e reflexões nos grupos de estudo. Utilizamos

ainda observação das crianças brincando, e o registro desses momentos foram feitos através de fotografias, filmagens e o diário de campo.

Vale ressaltar que os dados produzidos foram analisados, durante todo processo de pesquisa, pois “é necessário durante a análise dos dados em uma Etnopesquisa, o exame atento e detalhado das informações coletadas, pois a mesma se transformará em um produto final aberto” (MACEDO, 2004, p. 203).

A Inserção no campo de pesquisa e produção de dados foi importante para evidenciar os aspectos referentes à minha própria prática pedagógica. Neste sentido, entendemos a observação como um método de coleta de dados, conforme evidencia André (2008) “a metodologia de observação participante visa descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados com base em sua ótica e seu universo referencial”. (ANDRÉ 2008, p.45)

Este trabalho está organizado em três capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. Na introdução faço uma retrospectiva da minha trajetória profissional, bem como a relevância que cada componente deste curso de especialização agregou a minha vida profissional, com mudanças de atitudes muito significativas para o meu fazer pedagógico enquanto docente da educação infantil.

No segundo capítulo intitulado: Visão histórica sobre a Infância: uma breve contribuição apresento uma reflexão sobre o conceito de infância e a transição de uma concepção baseada no assistencialismo para uma educacional. Ainda abordamos a história e políticas de educação infantil bem como suas demandas e conflitos. A partir das reflexões compreendemos a criança como um sujeito de direitos que tem suas especificidades e necessita de atenção, cuidado e educação em espaços a elas destinados que não devem estar distanciado da vida familiar.

No terceiro capítulo intitulado: A importância do Brincar para a Infância oportunizo uma discussão sobre o brincar, como conceito e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. Fica claro que o brincar por mais simples que pareça ajudará a criança no seu desenvolvimento, visando sempre o processo de aprendizagem de cada um, dando oportunidade para que isso ocorra de



forma simples e espontânea, pois brincar para a criança tem um sentido próprio e por isso, deve ser um momento de divertimento e prazer.

O quarto capítulo intitulado: O Brincar e a aprendizagem: uma experiência numa Escola Municipal de Camaçari. Contemplo a pesquisa de campo e promovo uma análise e discussão, a partir dos dados coletados. As crianças puderam nos mostrar e contar que o brincar possibilita resolução de conflitos, expressão de opiniões e pontos de vista diferentes sobre um tema, assim como, favorece aprendizagens que levará para a vida toda.

Por último, no quinto capítulo, referente às Considerações Finais, retomo a pergunta investigativa do estudo e apresento de forma reflexiva, algumas possibilidades de respostas. Vale dizer que a mediação do professor no ato do brincar contribui para o desenvolvimento da aprendizagem crianças no contexto escolar.

## 2 VISÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO

Ao longo dos anos, diferentes áreas das ciências humanas têm buscado entender e interpretar pesquisas relacionadas ao conceito de infância. Philippe Ariès (1960) tivera um importante papel para o desencadeamento de várias pesquisas, especialmente, em seu estudo sobre a criança e a vida familiar no Antigo Regime, na França, publicado nos anos de 1960. Uma das teses centrais do autor é de que a consciência da particularidade infantil era inexistente no período medieval, o que seria evidenciado, por exemplo, pela ausência da representação da infância nas artes plásticas, ou pela representação da criança como pequeno adulto. A infância é uma fase da vida pela qual todos nós passamos e é vivida de formas distintas, dependendo da época, local, condições físicas, emocionais e culturais. Essa interpretação foi sendo legitimada pelas análises realizadas ao longo da história, em que se transitaria da indiferença em relação à infância para a capacidade de identificar e compreender esse período da vida como algo significativo e importante na vida do ser humano. Na história da educação infantil observamos a transição de uma concepção baseada no assistencialismo para uma educacional. A esse respeito Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) afirmam que:

A modernidade faz da denominação *infância* um guarda chuva a abrigar um conjunto de distribuições sociais, relacionadas a diferentes condições: classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, a raça, o gênero: bem como diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola (a criança e o aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e/ou de convivência/ brincadeira). É nessa distribuição que as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão de sentimentos, valores e direitos (KUHLMANN JR. FERNANDES, 2004; p23).

Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) ressaltam que os diferentes grupos abrigados sob o “guarda-chuva” da infância, não são compartimentos estanques, pois as crianças transitam por diferentes papéis sociais em suas experiências. É importante ressaltar que não devemos esquecer que a criança, quando aluna de uma determinada escola, nunca deixará de brincar, de sonhar, de criar, fantasiar, enfim de ser criança.

A infância é a base da vida, por isso deve ser bem vivida, rica de experiências saudáveis. Uma criança que não vive a infância de forma livre, prazerosa, brincando será, provavelmente, um adulto incompleto, frustrado em alguma área da sua vida. Já ouvi relatos de adultos que dizem não ter tido infância porque não teve brinquedos, não brincou e suprem essa carência colecionando carrinhos, por exemplo, pelo simples fato de que quando crianças não tiveram a oportunidade de tê-los.

A infância é apreciada por muitos, podendo ser também odiada por aqueles que não tiveram experiências saudáveis, que trariam saúde física e emocional para o indivíduo. Kishimoto (2011, p. 22) afirma:

[...] cada cultura tem maneiras de ver a criança, de tratar e educar. Entre as antigas concepções, a criança, vista como homem em miniatura, revela uma visão negativa: a criança é um ser inacabado, sem nada específico e original, sem valor positivo.

A construção do conceito de infância e a presença da criança na vida social e escolar passaram por um longo processo, construído em diferentes contextos históricos, culturais, políticos e econômicos. Hoje nós podemos entender que a criança é um sujeito de direitos que tem suas especificidades e necessita de atenção, cuidado e educação em espaços a elas destinados que não deve estar distanciado da vida familiar. Dessa forma, as crianças se constituem “como sujeitos únicos e históricos, membros de famílias que são igualmente singulares em uma sociedade concreta”. (OLIVEIRA, 2011, p.49)

Concebendo a Infância como uma construção social e histórica, Kuhlmann e Fernandes (2004 p.11) apresentam a trajetória da infância e da educação infantil analisando e problematizando conceitos e caracterizações que foram adotadas pela sociedade em diferentes contextos e momentos históricos, ainda constroem uma analogia que considera a importância dos novos elementos abordados por outras pesquisas nas quais a complexibilidade dos processos históricos e das relações sociais que os definem devem ser compreendidos não apenas em um grupo ou em algumas representações dessas vivências como também necessitam aprofundar conceitos considerando também as lutas e as conquistas ao longo da história da humanidade. (Kuhlmann Jr e Fernandes, 2004 p.11)

Charlot (2013) aborda a infância a partir das ciências que a definem como a sociologia, a psicologia e a filosofia partindo de uma noção derivada da cultura e de suas relações com a natureza humana. Apresentando a imagem contraditória da infância em duas faces que aparenta um ser inacabado, mas também um ser que não necessita especialmente do adulto para ser educado e que por ser inacabado tem a capacidade de produzir e modificar o meio.

A partir das leituras realizadas compreendi que a criança presente no nosso cotidiano profissional é um ser em processo de liberdade. No campo da nossa pesquisa, a criança é escutada e fazemos o possível para atendê-la em suas necessidades e anseios, mas ainda temos muito a conquistar. Em alguns aspectos, a criança, é considerada e caracterizada como um adulto em miniatura quando a mesma é submetida a vivências inadequadas para a fase da infância. Remetendo-nos a era medieval em que a criança também vivenciava situações cotidianas nas quais o adulto não considerava suas especificidades, necessidades e impunha um modelo de vida a ser seguido.

Além disso, através das reuniões formativas com leitura e discussão de textos e apresentação de vídeos, promovemos oficinas e conseguimos ajudar os responsáveis por essas crianças em relação ao entendimento da infância como um período de aprendizados significativos, marcado pelo desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Prezamos pela desaceleração da infância das nossas crianças oportunizando a elas outras formas de brincar, divertir-se, entreter-se, que não seja só através da mídia e dos meios eletrônicos.

Na atualidade percebemos que a criança é influenciada pela mídia e que essa promove a aceleração da vida adulta penetrando no imaginário infantil de forma brusca, influenciando o desenvolvimento da sua personalidade, muitas vezes, fazendo-as meras copistas de modelos preestabelecidos pela sociedade vigente. Oliveira 2011 salienta que:

No mundo todo, crianças de diferentes países são postas diante das mesmas imagens na TV por satélite. A boneca Barbie, por exemplo, tem traços anglos saxônicos, mas é apresentada a culturas latinas, asiáticas e africanas como objeto básico de desejo para todas as crianças de todos os países, apesar das marcantes diferenças entre seus traços físicos e os das mulheres dessas culturas. (Oliveira 2011, p.35)

Na vida familiar percebemos ainda uma educação autoritária e imposta em alguns aspectos da vida infantil quando a mesma tem que ser obediente, seguir os passos e sonhos almejados pelos pais não podendo assim contestar as decisões dos adultos impostas sobre elas.

Diante desta realidade a nossa postura como ouvinte, em relação ao que a criança tem a dizer, sobre o que elas pensam e como representam o mundo ao seu redor, é de proporcionar meios significativos para a sua aprendizagem. É importante que o adulto que lida com as novas descobertas das crianças, se posicione perante suas ações, reações e novas vivências impostas pela modernidade no contexto social e cultural vigente. Kishimoto (2011) sobre essa temática afirma que:

A infância é também a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela a esperança de mudança, de transformação social e renovação moral.

A infância é portadora de imagem de inocência: de candura moral, imagem associada à natureza primitiva dos povos, um mito que representa a origem do homem e da cultura. Como são construídas tais imagens tão diferentes e contraditórias?

A imagem de infância é reconstituída pelo adulto por meio de um duplo processo: de um lado, ela está associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade, e, de outro, depende de percepções próprias do adulto, que incorporam memórias do seu tempo de criança. Assim, se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada, também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância... (KISHIMOTO 2011, P.22).

Portanto, almejamos tão somente fortalecer com práticas positivas o desenvolvimento social, moral, intelectual e afetivo das nossas crianças, proporcionando a elas meios significativos de ver e estar no mundo, garantindo o direito a infância. Acredito que a melhor forma de garantir esse direito às crianças é ouvindo-as e a partir daí reconhecer suas competências, perceber e valorizar suas ações, aguçando a curiosidade e provocando investigações, percebendo-a como protagonista da sua aprendizagem, não apenas como produtos do meio, mas como seres que produzem e modificam esse meio.

A história da educação infantil no Brasil tem de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, há, portanto, características que lhe são próprias. É possível observar que [...] “até meados do século XIX, o

atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil” (OLIVEIRA, 2011).  
Vejam os adiante.

## 2.1. A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO TEMPO HISTÓRICO

A História das instituições de Educação Infantil está relacionada com a história do trabalho e da vida nas sociedades industrializadas. Essa história foi marcada por lutas para que a infância e a criança tivessem seus direitos assegurados por lei, foi longo o caminho percorrido para que a Educação Infantil pudesse ter o tratamento que tem na atual constituição, promulgada em 1988 e na atual Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, em vigor desde 1996. Segue um trecho do artigo que assegura as crianças pequenas o direito a educação:

Art. 5º. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2009)

A Educação infantil é uma etapa da educação básica voltada para acolher crianças de 0 a 5 anos de idade nas instituições do sistema de ensino, sendo assistidas por professores legalmente habilitados para a tarefa. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil orientam os sistemas de ensino e as unidades educacionais a construir com autonomia suas práticas junto às crianças de 0 a 5 anos de idade. Este documento “destaca a ação mediadora da instituição de Educação Infantil como articuladora das experiências e saberes das crianças e os conhecimentos que circulam na cultura e que despertam o interesse das crianças” (OLIVEIRA; MARANHÃO; ABBUD; ZURAWSKI; FERREIRA; AUGUSTO, 2012, P.10).

As políticas de educação infantil respondem a muitas demandas e conflitos de interesses antagônicos. Em sociedades modernas marcadas por

imensas desigualdades sociais, as políticas adotadas auxiliam alguns grupos em seus objetivos enquanto contrariam os interesses de outros.

A construção da educação infantil no Brasil surge com a assimilação por parte das elites políticas, de novos preceitos educacionais elaborados na Europa, como a ideia de Jardim de Infância, de Froebel, que deram origem aos parques infantis criados em várias cidades brasileiras. Este modelo foi recebido com entusiasmo por um movimento de proteção a infância, este movimento se fortalecia apoiado em uma visão preconceituosa em relação à pobreza e defendia um atendimento caracterizado como uma dádiva aos menos favorecidos.

Por outro lado o poder público combatia esta iniciativa considerando que os jardins tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, portanto, não deviam ser mantidas pelo poder público e sim pelas famílias afortunadas.

Os primeiros jardins de infância só foram criados em 1875, no Rio de Janeiro, e em 1877, em São Paulo, sob os cuidados de entidades privadas. Lopes, Mendes e Faria (2005) descrevem que:

Esse primeiro jardim de crianças era oferecido às crianças ricas e era comentado por utilizar o método alemão. As atividades nessa instituição levavam a escolarização da criança, porque eram oferecidas atividades de leitura, escrita, cálculo, jardinagem e ginástica. Utilizava-se muito uma caixa de lições de coisas com objetos e informações relacionados a origem dos instrumentos, ao desenvolvimento dos sentidos e ao treino da observação. Se quisermos indicar as principais atividades realizadas pelas crianças nessa instituição poderíamos afirmar com certeza que, mesmo com grande variedade, tudo girava ao redor da educação do corpo e ao aprendizado da higiene. (LOPES; MENDES; FARIA, 2005, p.25)

Só em 1896 foram criados os primeiros jardins de infância públicos, pois todo investimento da área de educação na época estava voltado para o ensino primário, mas com a intensificação da urbanização e da industrialização em muitas regiões do país, no início do século XX, a estrutura familiar tradicional e as concepções de formas de cuidado das crianças foram mudando profundamente.

Foi quando no ano de 1919 o governo instituiu o Departamento da criança defendendo uma assistência científica à criança. A ideia da assistência

científica era resolver problemas ligados à pobreza, pois se acreditava que os pobres se não fossem disciplinados e amparados, fatalmente entrariam no mundo do crime e da vadiagem, com isso creches e parques infantis eram defendidos pelas elites no poder como ambientes de segurança e saúde, sem que fossem analisados os fatores econômicos, políticos e sociais presentes nas condições de vida daquela população.

Outro fator que contribuiu para a transformação do atendimento à criança pequena foi a contratação pelas fábricas da mão de obra de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil, na sua maioria eram jovens do sexo masculino, mas muitas mulheres também eram contratadas pelas fábricas. Essas mulheres começaram a se politizar e a exigir seus direitos, como criação de locais para atendimento as crianças durante o seu trabalho.

A creche foi defendida como paliativo por médicos que estavam preocupados com as condições de vida da população operária que no geral eram moradores de ambientes insalubres, mas junto com a preocupação sanitária ocorriam muitos debates no país trazendo a questão educacional para o centro das discussões políticas nacionais. Contudo o debate sobre a renovação pedagógica dirigiu-se mais aos jardins de infância, onde estudavam preferencialmente as crianças dos grupos sociais de prestígio, do que aos parques infantis e outras instituições que atendiam crianças nos meios populares. Com essas discussões podemos observar o dualismo com que a questão educacional era tratada no país. Sob o nome de educação compensatória surgiu propostas de trabalho junto às creches e pré-escolas para atender o pré-escolar pobre. Essas propostas teriam a ideia de compensar carências orgânicas e culturais das crianças por meio da estimulação precoce e o preparo para a alfabetização diminuindo assim o fracasso escolar no ensino primário, entendia-se que as instituições que atendiam as crianças mantinham em seu cotidiano apenas, práticas voltadas para o assistencialismo.

Porém, a adesão cada vez maior de mulheres das classes médias ao mercado de trabalho aumentou consideravelmente o número de creches e pré-escolas, principalmente as da rede particular. A fim de serem liberadas para o mercado de trabalho essas mulheres buscavam uma instituição que pudesse



complementar a educação que davam aos seus filhos, com um trabalho pedagógico que fugisse não só das perspectivas higienistas e custodiais, como das orientações que buscavam aplicar na educação dos seus filhos menores, modelos tirados da tradição da escola fundamental.

Com o crescente aumento do número de creches de classes pré-primárias e de jardins de infância no país, foram sendo modificadas algumas representações sobre a Educação Infantil. Passou-se a valorizar o atendimento fora da família a crianças de idade cada vez menor, atentando para um padrão educativo voltado para os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança pequena, destacando a criatividade e a sociabilidade. Essas propostas de desenvolvimento afetivo e cognitivo foram sendo adotadas pelos jardins de infância onde eram educadas as crianças da classe média, enquanto os parques infantis e as creches continuavam com um trabalho baseado no discurso compensatório ou assistencialista.

A desigualdade de acesso aos benefícios da educação da criança pequena continuava uma tarefa difícil de ser superada, mas em meados dos anos 70, a luta os movimentos sociais pela redemocratização do país e contra as desigualdades sociais fez com que o regime militar adotasse medidas para ampliar o acesso da população mais pobre à escola obrigatória. Nesse período as reivindicações das mães que precisavam trabalhar fora do lar para garantir o sustento da família intensificaram-se de tal forma que a creche e a pré-escola passaram a ser vistas como um direito do trabalhador. Começaram então as conquistas, neste âmbito Oliveira; Maranhão; Abbud; Zurawski; Ferreira; Augusto (2012) afirmam:

Após o término do período de governos militares em 1985, novas políticas de educação passaram a admitir que as creches não diziam respeito apenas à mulher ou à família, mas também ao estado e às empresas. Discussões de pesquisadores em Psicologia e Educação sobre a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento da criança propiciaram algumas mudanças no trabalho então proposto pelos discursos oficiais, com a valorização de atividades pedagógicas mais sistematizadas, embora a preocupação com medidas de combate à desnutrição continuasse a existir. (OLIVEIRA; Maranhão; ABBUD; Zurawski; FERREIRA; Augusto, 2012, P.29)

Durante este período, educadores questionavam politicamente a possibilidade de o trabalho realizado nas creches e pré-escolas contribuir para

promover a luta contra as desigualdades sociais. Foram retomadas discussões sobre a função das creches e da pré-escola e criaram programações pedagógicas que objetivavam romper com concepções de creche e de pré-escola como instituições meramente assistencialistas ou compensatórias, propondo para as mesmas uma função pedagógica que enfatizasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças.

O reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como direito da criança e dever do estado foi conquistado na Constituição de 1988, após muita luta dos movimentos feministas e movimentos sociais. Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com base na lei nº 8.069 de Julho de 1990, foram concretizadas conquistas em relação aos direitos das crianças trazidas pela Constituição, a esse respeito Lopes, Mendes e Faria (2005) afirmam:

O ECA repetiu em seu Artigo 54 que o Estado tem o dever de oferecer as crianças de 0 a 6 anos de idade o atendimento em creches e pré-escolas. O que a constituição fez, ao reconhecer a vida de 0 a 6 anos com parte do sistema educativo e o Estatuto da Criança e do Adolescente fez ao cobrar isso como dever do estado, em ambos os casos, foi tornar oficial algo que há muito tempo vinha sendo exigido por vários movimentos sociais relacionados às mulheres, as crianças e aos trabalhadores de uma forma geral. (LOPES; MENDES; FARIA; 2005 P.27,28).

Tanto a constituição de 1988, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, trouxeram vitórias para os movimentos sociais que há muito tempo discutiam a situação da educação Infantil no Brasil. Sobre isto Oliveira, Abbud e Ferreira (2012) afirma que:

A vivência das crianças em programas de Educação Infantil de qualidade tem sido apontados por pesquisa nacionais e internacionais como indicador básico de um bom desenvolvimento, além de configurar um aspecto positivo no processo de escolarização básica. Contudo, o reconhecimento dessa importância convive com a dificuldade de ampliar o número de crianças atendidas nas instituições de Educação Infantil, especialmente no que se refere à Creche. Agregue-se a esse cenário recentes definições quanto a antecipação da obrigatoriedade da matrícula na pré-escola para crianças de 4 e 5 anos, questões que tem impactado e gerado polemicas na organização da educação Infantil. (OLIVEIRA; ABBUD; FERREIRA, 2012, p. 31)

Ainda precisamos avançar muito na promoção das políticas sociais que garantam o acesso a uma instituição de educação infantil que propicie as

crianças experiências de aprendizagens significativas em um espaço coletivo e rico de interações com adultos, com o meio e com outras crianças, que a inserção dessa criança nesta instituição promova o desenvolvimento infantil, de forma ampla e integrada, a partir de suas diferentes aprendizagens, superando fragmentações historicamente construídas no atendimento aos diferentes grupos sociais.

Que nossas crianças sejam capazes de enfrentar e superar os desafios das desigualdades de acesso às creches e pré-escolas entre as crianças brancas, negras e indígenas, ricas e pobres, residentes no meio rural ou urbano e das diferentes regiões. Que todos os esforços se voltem para a superação dessas desigualdades de modo a efetivar nas instituições de Educação Infantil os princípios contidos na nossa Constituição que visam à construção de uma sociedade livre, justa, solidária.

No capítulo seguinte trago abordagens de teóricos e autores conceituando o brincar. Evidencia-se que o brincar por mais simples que pareça ajudará a criança no seu desenvolvimento, visando sempre o processo de aprendizagem de cada um, dando oportunidade para que isso ocorra de forma simples e espontânea, pois brincar para a criança tem um sentido próprio e por isso, deve ser um momento de divertimento e prazer.

### 3 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A INFÂNCIA

*Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.*

*Carlos Drummond de Andrade*

O brincar ou a brincadeira tem sido explicado por muitos teóricos de diferentes maneiras. Brincar, segundo o dicionário Aurélio (2003), é “divertir-se”, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar, também pode ser entreter-se com jogos infantis, ou seja, brincar é algo muito presente em nossas vidas, ou pelo menos deveria ser.

Conforme explicita Nachmanovitch (1993 apud Pereira 2011, p.13):

A criança quando brinca está em estado de busca, e brincar é um ato de descobrir, indagar, escolher, recriar: é uma metáfora da criação. Criação no sentido genuíno, de espelho do gesto criador do universo, como termo lila, que em sânscrito quer dizer “(...) jogo, brincadeira”. Mais rica de sentidos do que as palavras correspondentes em nossa língua, ela significa brincadeira divina, o jogo da criação, destruição e recriação, o dobrar e desdobrar do cosmos. (NACHMANOVITCH (1993, p.13)

Nesse aspecto, Pereira (2001) concorda que “a atitude-lúdica-de quem brinca não é de simples prazer [...]; é um viver a tensão das escolhas, dos conflitos, dos limites, do fazer, em que o brincante experimenta o equilíbrio e o desequilíbrio”. PEREIRA (2001, p.13)

A brincadeira na escola deve ser considerada como uma estratégia mediadora de apreensão do conhecimento e desenvolvimento. Pode-se dizer que a brincadeira se constitui como um recurso metodológico importante que deve fazer parte do planejamento dos professores. Cabe então a cada professor organizar atividades de forma que a brincadeira não seja considerada apenas uma atividade complementar, como também de natureza pedagógica. O brincar é importante para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo fazendo parte de uma aprendizagem prazerosa, onde a criança pode resolver conflitos, desenvolver a capacidade de compreender pontos de vistas diferentes, demonstrar sua opinião, estabelecer regras construídas por si e em grupo.

O brincar está presente em todas as dimensões da vida do ser humano “no entanto, é fundamental que, na escola, o brincar tenha uma intenção educativa ou pedagógica”. (SOMMERHALDER e ALVES 2011, p.105).

Vygotsky (1995) acredita que a partir da convivência que as crianças se relacionam brincando, negociando regras, entendendo o que acontece na vida real, criando assim os personagens de sua imaginação para desenvolver suas próprias brincadeiras, pois “brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma atividade autônoma, cooperativa e criativa”.

Brincando a criança expressa seus desejos, necessidades, usa a imaginação e aflora a criatividade, essas atividades permitirão a criança desenvolver sua personalidade e autonomia. As brincadeiras podem favorecer a construção de conhecimentos, formação do caráter e equilíbrio emocional, desde que tenham uma intenção pedagógica bem estruturada.

O ato de brincar acontece em determinados momentos do cotidiano infantil. Neste contexto, Oliveira (2000) aponta o ato de brincar, como sendo um processo de humanização, no qual a criança aprende a conciliar brincadeira de forma efetiva, criando vínculos mais duradouros. Assim as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar, de argumentar, de como chegar a um consenso, reconhecendo o quanto é importante para dar início à atividade em si. (MANGELA, 2009)

Toda brincadeira por mais simples que pareça ajudará a criança no seu desenvolvimento, visando sempre o processo de aprendizagem de cada um, dando oportunidade para que isso ocorra de forma simples e espontânea, pois a brincadeira para a criança tem um sentido próprio e, por isso, deve ser um momento de divertimento e prazer.

Para Vygotsky (1884) a brincadeira projeta a criança no vir a ser, possibilita-lhe novas maneiras de compreender a teia de relações sociais na qual se insere. Nesse sentido, a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal.

A brincadeira é uma atividade fundamental para as crianças e deve estar de acordo com o nível de compreensão em que ela se encontra. O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, pois é ele quem cria

os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras propiciando situações de aprendizagem, que articulem recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos do conhecimento humano, Para que a brincadeira na escola seja interessante para as crianças o professor tem grande responsabilidade, por isso é preciso pensar na relevância da mediação para que a criança brinque com qualidade.

Percebemos que há uma crescente valorização do brincar, porém existe ainda uma distância entre o discurso e a prática, compreendemos que é preciso aprender muito ainda sobre o brincar para poder brincar com nossas crianças, interagindo com elas em uma perspectiva criativa e produtiva.

Precisamos mobilizar a criança que existe dentro de nós, para, assim, compreendê-las melhor, pois não há como fomentar um brincar genuíno sem brincar. Sobre este aspecto Kishimoto (2011) nos ajuda a refletir partilhando de sua experiência enquanto estagiária de uma creche, quando no período de observação constatou “que as educadoras raramente brincavam com as crianças, apenas interferiam diante dos conflitos ou brigas com as crianças” (KISHIMOTO 2011, p.134). Diante da situação observada ela conversou com as educadoras, aproveitando que o espaço da sala estava sendo reorganizados com vários “cantinhos” com o objetivo de que as crianças brincassem em pequenos grupos e com diferentes materiais disponíveis naquele espaço e sem a necessidade de serem dirigidos diretamente pelos adultos, ela compartilhou a ideia de Oliveira (1992) que diz:

O educador pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se consegue discernir os momentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação da brincadeira, ou que deve integra-se como participante das mesmas. (OLIVEIRA et al.,1992, p.102)

Mesmo depois de conversar com as educadoras e sugerir algumas atividades, ela relata que as mesmas ainda tiveram uma reação de estranhamento, questionamentos e até recusa. Refletindo a respeito do jogo infantil, como uma atividade criadora, com fundamental importância na formação de educadoras que trabalham em creches e pré-escolas públicas, acredita “que ela não poderá partilhar o brincar com as crianças de forma

prazerosa, enquanto esta atividade não se constituir em atividade significativa e vivenciada por ela própria” (KISHIMOTO 2011, p.134). Para se brincar com qualidade faz-se necessário um planejamento prévio das ações, definindo os objetivos e intencionalidade das brincadeiras propostas determinando ações provocativas diante das brincadeiras. Portanto, cabe ao educador organizar o ambiente para oferecer a criança possibilidades de interação com o meio, com outras crianças e com os adultos levando-as a experimentar de forma espontânea novas possibilidades de aprendizado ampliando as suas experiências de mundo de forma prazerosa e encantadora.

O brincar é visto sob várias perspectivas, de acordo com as abordagens de autores clássicos e contemporâneos, as quais se diferenciam e/ou se complementam.

Para Piaget (apud Kishimoto 2012) as crianças apreendem o mundo, apropriam-se dos conhecimentos e interagem com eles e com diferentes objetos e indivíduos. Para o Psicólogo o desenvolvimento cognitivo ocorre em estágios, em cada um dos quais são desenvolvidas novas formas de pensar e de responder ao ambiente.

O enfoque de Vygotsky (apud Kishimoto 2012) parte da análise do social para se compreender como os indivíduos adquirem conhecimentos, para o autor no processo de construção dos conhecimentos, as interações sociais das crianças distinguem-se de outras interações, bem como das dos adultos, para ele pelas suas experiências sociais as crianças tem acesso à cultura, aos valores e aos conhecimentos historicamente criados pelo homem, destaca as interações como peça chave na construção de seus conhecimentos, tanto na vida familiar quanto nas comunidades.

Para Kishimoto (2012):

Embora Piaget e Vygotsky apresentem algumas diferenças de enfoque, evidencia-se que, na prática, suas propostas não são tão diversas. A questão é ampla e controvertida. Não podemos nos fechar a nenhuma das duas teorias: elas caminham de forma paralela e complementar. (KISHIMOTO 2012, p. 21)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2012) o brincar:

É a atividade principal da criança. Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida pela criança com a finalidade

de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, as outras pessoas e o mundo em que vive. Brincar é repetir e recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativas, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender. (Diretrizes Curriculares Nacionais 2012, P.7).

Ao brincar a criança entra no mundo imaginário fazendo relações com suas vivências e experiências pessoais, ela apropria-se das informações da realidade à sua volta e utiliza-os no brincar. Para Kishimoto (2012)

As crianças crescem em universos “multiculturais”, recebendo a influência das mais diversas culturas: a familiar (de pai, mãe ou outros adultos responsáveis por elas); a da comunidade na qual estão inseridas; a praticada na escola e cultura global (transmitida pela mídia). Todo esse “caldo” reflete-se nas brincadeiras, em que as crianças mesclam esse riquíssimo universo lúdico. (KISHIMOTO 2012, p. 17)

A criança não brinca para adquirir conhecimentos ou desenvolver qualquer habilidade mental ou física, a criança brinca pelo prazer, por encontrar respostas para as suas perguntas sobre a realidade, pela satisfação que esta atividade lhe proporciona.

Kishimoto (2011) afirma que

ao observar brincadeiras infantis, o pesquisador se depara com duas situações que externamente são idênticas, em que a criança diz: “Agora eu não estou brincando”, mas, logo em seguida, expressando a mesma conduta diz que está brincando. O que diferencia o primeiro momento (não brincar), que aparentemente é idêntico ao segundo (brincar), é a intenção da criança, o que cria uma certa dificuldade para realizar pesquisas empíricas sobre o jogo infantil. Utilizando estudos de alguns autores como Garvey (1997), King (1979) e outros (1993), Smith e Vollstedt (1985) a autora elabora os critérios para identificar seus traços:

*1 A não literalidade:* as situações de brincadeira caracterizam-se por um quadro no qual a realidade interna predomina sobre a externa. O sentido habitual é substituído por um novo. São exemplos de situações em que o sentido não é literal o ursinho de pelúcia servir como filhinho e a criança imitar o irmão que chora;

*2 Efeito positivo:* o jogo infantil é normalmente caracterizado pelos símbolos do prazer ou da alegria, entre os quais o sorriso. Quando brinca livremente e se satisfaz, a criança o demonstra por meio do sorriso. Esse processo traz inúmeros efeitos positivos aos aspectos corpora, moral e social da criança;

*3 Flexibilidade:* as crianças estão mais dispostas a ensaiar novas combinações de ideias e de comportamentos em situações de



brincadeira que em outras atividades não recreativas. Estudos como os de Bruner (1976) demonstram a importância da brincadeira para a exploração. A ausência de pressão do ambiente cria um clima propício para a exploração. A ausência de pressão do ambiente cria um clima propício para investigações necessárias à solução de problemas. Assim, brincar leva a criança a tornar-se mais flexível e buscar alternativas de ação;

*4 Prioridade no processo de brincar:* enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si não em seus resultados ou efeitos. O jogo infantil só pode receber esta designação quando o objetivo da criança é brincar. O jogo educativo, utilizado em sala de aula, muitas vezes, desvirtua esse conceito ao dar prioridade ao produto, à aprendizagem de noções e habilidades;

*5 Livre escolha:* o jogo infantil só pode ser jogo quando escolhido livre e espontaneamente pela criança. Caso contrário, é trabalho ou ensino;

*6 Controle interno:* no jogo infantil, são os próprios jogadores que determinam o desenvolvimento dos acontecimentos. (KISHIMOTO 2011, p. 29)

Durante um jogo ou uma brincadeira o educador poderá fazer diversas observações, análises e registros das características da brincadeira, diagnosticar interesse e necessidades de cada criança ou do grupo, suas habilidades e potencial bem como propor desafios, tornando-se um facilitador da autonomia, da criatividade, da experimentação, proporcionando assim aprendizagens significativas para as crianças. A partir da observação e registro de uma brincadeira, “o educador tem elementos para realizar um exame global das brincadeiras e/ ou jogos analisados”. Kishimoto (2012) sugere que alguns itens sejam objeto de observação registro e análise para se identificar aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Possíveis aspectos desenvolvidos pela dinâmica proposta;  
 Atividades cognitivas (raciocínio, argumentação);  
 Evidências de comportamento social (cooperação, conflito, competição, \*integração);  
 Dinâmica do grupo (interações, trocas);  
 Diferentes papéis assumidos pelos brincantes (líderes, objetivos práticos, \*filosóficos, questionadores, mediadores);  
 Grau de interesse, motivação, satisfação, tensão aparente durante o jogo ou a brincadeira;  
 Grau de iniciativa, criatividade, autonomia e criticidade que o jogo ou brincadeira propicia as crianças;  
 O perfil de cada criança:  
 - como é sua personalidade  
 - como se comporta;  
 - se brinca sozinha;  
 - se brinca com outras crianças;  
 - quais suas preferências e/ ou interesses;

- quais suas necessidades;
  - como se comporta em grupo;
- Reações das crianças;  
Temas surgidos no faz de conta. (KISHIMOTO 2012, P. 49)

O brincar vem agregar contribuições valiosíssimas para o desenvolvimento integral das crianças levando-as a realizarem-se em seus mais complexos anseios bem como ajuda-las a lidar com situações difíceis de forma lúdica e prazerosa.

O capítulo a seguir traz a inserção no campo da pesquisa, análise e discussão dos dados coletados, constando habilidades e competências adquiridas no ato do brincar.

#### **4 O BRINCAR E APRENDIZAGEM: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMAÇARI/BA**

*Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.*

*Lev Vygotsky*

O Brincar é um fator de relevância ímpar para a promoção da saúde física, emocional e intelectual da criança. O lúdico e a recreação ocupam um lugar de relevante significado, pois a partir das atividades lúdicas a criança poderá expor desde uma maravilhosa experiência com o mundo que a cerca até os traumas mais incômodos que possam lhe sobrevir, as mais variadas experiências que as crianças experimentam promovem relações cognitivas e afetivas propostas pela interação lúdica propiciam amadurecimento emocional e vão pouco a pouco construindo a sociabilidade infantil. Durante uma brincadeira a criança aprende a aceitar regras, esperar sua vez, aceitar o resultado, lidar com frustrações e elevar o nível de motivação.

Kishimoto (2012) traz-nos uma contribuição do pensamento de Kamii e Devries que:

Afirmam que, em um jogo ou brincadeira, as crianças são mais ativas mentalmente do que em um exercício intelectual. Os jogos e brincadeiras são uma atividade importantíssima e merecem ser levado para a sala de aula para tornar a educação mais compatível com o desenvolvimento das crianças. O desenvolvimento social das crianças é vital em qualquer programa escolar, porque as interações sociais são indispensáveis para o desenvolvimento moral e cognitivo [...] Os jogos constituem um conteúdo natural que motiva as crianças para elaborar regras. (KISHIMOTO 2012, P. 38,39).

Acredito que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (KISHIMOTO, 2011, p. 20).

Considerando o aspecto da aprendizagem Friedmann (2006) propõe como instrumento metodológico o registro e análise das características observadas durante um jogo ou brincadeira pelo qual o educador possa conhecer a realidade lúdica do seu grupo de crianças, seus interesses e necessidades, comportamentos, conflitos e dificuldades, e que, paralelamente,

constitua um meio de estimular o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, moral, linguístico e físico-motor e propiciar aprendizagens específicas.

As diretrizes curriculares nacionais, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) dos diferentes níveis de ensino e uma série de outros documentos oficiais referentes à educação no Brasil destacam a necessidade de centrar o ensino e aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em lugar de centrá-lo no conteúdo conceitual. Diante disto ressalto que habilidades e competências necessitam ser vistas como objetivos de ensino, ou seja, é preciso que a escola inclua entre as suas responsabilidades a de ensinar a comparar, classificar, analisar, discutir, descrever, opinar, julgar, fazer generalizações, analogias, diagnósticos, independentemente do que se esteja comparando, classificando. Para Rinaldi (2014) “aprendizagem é o surgir daquilo que antes não havia, é uma pesquisa do único, do outro, dos outros que se encontram em volta de um assunto”. Filippini (2014) afirma que as qualidades das aprendizagens especialmente do aprender em grupo estão estreitamente relacionadas com a qualidade das oportunidades de compartilhar e participar dos contextos educativos cotidianos da escola.

Diante de cada atividade observada, durante a pesquisa, pude perceber que novas aprendizagens estavam sendo construídas e que essas aprendizagens geraram conhecimentos capazes de demonstrar em cada brincadeira que as crianças estavam adquirindo diversas habilidades para resolver conflitos, conviver em grupo, e a conhecer-se.

Além disso, foi possível notar que as crianças brincam usando diversos objetos disponíveis no ambiente. Na construção do inventário percebemos que as aulas ministradas, de forma lúdica, foram mais proveitosas, pois, tive uma participação intensa das crianças, onde pude contextualizar os conteúdos trabalhados respeitando os limites e individualidades de cada um.

A mediação é fundamental para a construção do conhecimento e essa mediação tem influencia na qualidade do brincar das crianças. “A mediação é processo, não é o ato em que alguma coisa se interpõe; mediação não está

entre dois termos que estabelece uma relação. É a própria relação” (Molon, 2000, p.10).

A mediação, para Vygotsky, consiste em fazer de um processo simples um estímulo-resposta, um ato complexo por ser mediado, em que a relação deixa de ser direta e passa a ter a intervenção de um elemento externo. Assim sendo:

O brincar ou a brincadeira é a atividade principal da criança. Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida pela criança com a finalidade de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, outras pessoas e ao mundo em que vive. Brincar e repetir e recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativas, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e a sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender. (BRASIL, 2012, p.7).

Quando favorecemos a brincadeira na educação infantil possibilitamos o desenvolvimento de novas aprendizagens. Brincando as crianças desenvolvem capacidades de atenção, a memória a inteligência, a motricidade, constroem regras e enfrentam situações de conflito valorizando o diálogo na resolução de impasses.

A nossa sala é ampla e com uma diversidade enorme de materiais. Neste espaço percebemos que a representação simbólica e o brincar são valorizados, pois o ambiente é recheado de materiais que estimulam o simbolismo e a socialização. As crianças brincam livremente, cada uma com o brinquedo que lhe é mais interessante.

Essas atividades foram registradas nos momentos livres, na acolhida, no recreio, no momento de descanso após o recreio. Os alunos do grupo 05 são crianças autônomas, criativas, expressam sentimentos, desejos e emoções, interagem com elementos do meio natural e cultural demonstrando curiosidade e “investigação” do mundo que as cerca. As crianças criam, recriam, inventam. Usam a criatividade e dão um novo significado aos objetos muitas vezes utilizando conceitos matemáticos para fazer comparações, como exemplo podem-se citar as comparações por tamanhos como grande, pequeno, alto, baixo, comprido etc. “as crianças, muitas, vezes aprendem mais por meio dos jogos em grupo do que por lições e exercícios” (KISHIMOTO, 2012, P.38).

O grupo em que leciono é composto por 20 alunos, sendo 10 meninos e 10 meninas. É um ambiente lúdico com uma variedade de objetos que favorecem a realização de várias atividades e o desenvolvimento de muitas habilidades das crianças de cinco anos. As crianças demonstram prazer e satisfação em estar nesse ambiente repleto de brinquedos, livros e cantinhos específicos para o desenvolvimento de atividades de matemática, leitura e artes.

Observa-se nesse ambiente a presença de elementos indispensáveis ao desenvolvimento infantil como o brincar, o brinquedo e as brincadeiras. Friedmann (2012) explica que o “brincar diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem o uso de brinquedos ou outros materiais. Brinca-se também usando o corpo, a música, a arte, as palavras, etc.” (FRIEDMANN 2012, p.19). Compreendo que a riqueza desse material seja necessária em um ambiente de educação infantil, em alguns momentos fui inquietada a respeito de como mediar as brincadeiras sem tirar o prazer que esta oferece, visto que a brincadeira refere-se basicamente a ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada. Durante as observações em que estava inserida no campo da pesquisa pude fazer algumas intervenções que soaram de forma positiva, pois as crianças estavam abertas as intervenções, sentiam-se felizes em responder aos questionamentos e inserir-me no contexto das brincadeiras.

A seguir, relato as experiências compartilhadas com as crianças do grupo 5(cinco) organizadas em oito momentos brincantes: Empilhando caixas, Fazendo torre com potinhos de Danone, Fritando e comprando acarajé, Fazendo bolo e cenoura, Fazendo uma festa, Viajando de ônibus, Brincando com pneus e a galinha choca e Assistindo desenho no computador.

#### 41. EMPILHANDO CAIXAS

Neste momento as crianças estão empilhando caixa de tamanhos diferentes e fazendo comparações com o tamanho delas e dos colegas, vão acrescentando mais caixas e outros materiais como potinhos de iogurte para aumentar a altura, elas estabelecem regras, recriam conceitos quando dizem: “se eu subir numa cadeira eu fico mais alto” e assim elas vão propondo

desafios uns aos outros, dizendo “vamos ver quem é maior?” Elas também fazem contagem de caixas pra ver quantas caixas dá na altura do colega e vão criando e inventando novas possibilidades de brincadeiras. Numa dessas brincadeiras flagrei um grupo de meninos que estavam medindo seus tamanhos a partir da quantidade de caixas que empilhavam.

Nesta brincadeira quatro crianças brincavam. Usarei nomes fictícios para identificar as crianças nesta pesquisa. Eles empilhavam as caixas até não conseguirem colocar mais nenhuma, neste momento Cristiano teve a ideia de subir em uma cadeira, logo todos subiram também e começaram o desafio de quem conseguia alcançar a maior altura. Durante a observação das brincadeiras flagrei alguns diálogos entre as crianças.

#### Dialogo 1

Cristiano: Eu sou maior do que todo mundo

Neste momento as outras crianças também sobem nas cadeiras

Vitor: Não é nada, eu sou maior.

Lucas: eu vou colocar mais uma caixa e vou ficar maior

GUTO: apenas observa de cima da cadeira

Cristiano: (estica os braços e diz:) agora eu sou maior

Vitor: coloca uma pilha de potes de Danone e diz: pronto ganhei agora eu sou maior.

Neste momento a pilha de caixas desmorona e recomeçam brincadeira.

**Figura 1** - Crianças empilhando caixas e comparando tamanhos, alturas.



O momento em que a criança está absorvida pelo brinquedo é um momento mágico e precioso, em que está sendo exercitada a capacidade de observar e manter a atenção concentrada. Esta atividade possibilitará o desenvolvimento das suas habilidades e produtividade quando adulto. Enquanto a criança brinca, ela está imersa em um mundo só dela, mas através da observação o adulto poderá propiciar o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, moral, linguístico e físico-motor e propiciar aprendizagens específicas.

#### 4.2. FAZENDO TORRE COM POTINHOS DE IOGURTE

Kayla está envolvida em uma atividade com potinhos descartáveis, montando uma torre.

Usando tampinhas coloridas, um grupo de meninas fazem pequenas contagens, agrupamentos, classificam por cores e tamanhos diferentes, como podemos observar na figura abaixo.

**Figura 2** - Criança fazendo torre com potinhos de iogurte





Na figura acima a criança Kayla esta envolvida em uma atividade com potinhos descartáveis, montando uma torre. Usando tampinhas coloridas um grupo de meninas fazem pequenas contagens, agrupamentos, classificam por cores e tamanhos diferentes.

Dialogo 2.

Kayla: vamos contar tampinhas?

Neste momento derrama as tampinhas da caixa

Luiza: eu conto as pretas

Naty: eu conto as azuis

E assim começam a separar as tampinhas e fazer pequenas contagens e comparando suas quantidades com as outras colegas classificando por cores e seriando por tipos de tampinhas, como ilustra a figura abaixo.

**Figuras 3,4 e 5** - Classificações e seriação com tampinhas coloridas



Sobre este aspecto, Nunes (2011) afirma:

À medida que as crianças resolvem problemas sobre quantidades, elas estão aprendendo a organizar suas ações para resolver problemas com números. Na Pré-escola, elas devem ter a oportunidade de usar materiais concretos ou números, segundo sua preferência, e também desenhos. Os problemas devem ser variados e resolvidos por meio de ações diferentes, como, juntar, separar, distribuir objetos, pois assim elas terão a oportunidade de refletir sobre situações nas quais operações aritméticas diferentes são usadas. (Nunes, 2011, p.07)

Elas também utilizam potes e latas de tamanhos variados para empilhar e fazer torres gigantes.

**Figuras 6 e 7** - Crianças comparando tamanhos utilizando latinhas.



Brincando as crianças fantasiam, no faz de conta constroem aprendizados valiosíssimos. Elas brincam de restaurante, fazem comidinhas, servem aos colegas, dita o cardápio, neste tipo de atividade a criança vive personagens diferentes, ampliando sua compreensão sobre os diferentes papéis e relacionamentos humanos. De acordo com Aberastury (1992):

O menino se compraz com brincadeiras de conquista, de mistério, de ação. Pistolas, revolveres, espingardas, roupa de cowboy, de Batman, fantasias de bandidos povoam seu brinquedo. A menina, de outro lado, prefere brinquedo mais tranquilo: entretém-se com bonecas, prepara comida, serve o chá, finge relações sociais entra na aprendizagem das características femininas, com as quais procura identificar-se com sua mãe. Costuma pedir-lhe roupa e fantasiar-se. (ABERASTURY 1992.p.64)

Kishimoto (2012) citando Elkonin caracteriza essas brincadeiras como “jogo protagonizado” (jogo sociodramático). Ele afirma que:

Brincar de mamãe e filhinha é uma forma de as crianças “dominarem” seu mundo, conseqüentemente, proporem soluções para problemas que elas veem no seu dia a dia. Nesse jogo protagonizado elas constroem sua realidade à sua maneira. (KISHIMOTO 2012, p.21).

A partir dessas observações poderei construir um planejamento que contemplem atividades que sejam interessantes para as crianças, proporcionado a elas um ambiente lúdico, diversificado e que considere suas necessidades e especificidades enquanto crianças autônomas, tornando o seu aprendizado mais significativo.

#### 4.3. FRITANDO E COMPRANDO ACARAJÉ

As crianças chegam à escola cheias de expectativas e vontade de aprender e partilhar suas vivências. Normalmente voltam do final de semana com muitas novidades relatando suas “aventuras” com muito entusiasmo. Este grupo cinco vem se destacando a cada dia com suas descobertas gostam de inventar novas brincadeiras e reproduzem suas vivências também por meio de brincadeiras, tem um grupinho que ama fazer “comidinhas” utilizando os mais diversos “ingredientes” do faz de conta presentes na sala, desta vez inventaram uma coisa bem diferente, que foi a receita do acarajé, pois no final de semana é comum elas irem à praia ou à pracinha com os pais e apreciarem esse delicioso quitute. Desta vez as meninas comandaram a brincadeira.

### Dialogo 3

Bianca pega a caixa com pedaços de E.V. A, começa a cortar e diz:

Bianca: Quem quer brincar de fazer comidinha?(as meninas respondem em coro):

Meninas: Eeeu!

Lucia: Eu vou fazer acarajé

Luana: Eu corto a salada (e começa a cortar pedacinhos de e.v.a para a salada)

Juliana pega tampinhas de lata de mucilon e começa a fazer as porções de acarajé e pergunta:

Juliana: Quem quer comprar acarajé?

Um dos meninos diz:

Cristiano: Eu quero um com pimenta

Juliana: Mas criança não come pimenta

Cristiano: Mas eu como pimenta

Juliana: Então você te que pagar!

Lucia pega umas peças de jogo da memória e começa a distribuir entre os colegas para poder comprar o acarajé.

Lucia: É dois reais. É dois reais! Quem quer comprar?

É muito interessante ver a forma como as meninas preparam o acarajé. No desenvolvimento da brincadeira pude observar as crianças trazendo suas vivências pessoais para o momento da brincadeira. Elas prestam atenção em cada detalhe e reproduzem, de forma bem original, através da brincadeira toda uma cena, provavelmente, vivida em outro momento. Elas transportam para a brincadeira situações reais que presenciam no seu cotidiano e essa representação é marcada pela cultura lúdica, pois “a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando” e essa cultura lúdica vem a ser o produto da interação social (BROUGERE, 1998, p.88).

Neste ponto, tanto a escola como a família, podem contribuir para a expansão dessa cultura em nossas crianças proporcionando momentos de interação social por meio de passeios, atividades culturais e diálogos que levem ao conhecimento da diversidade cultural da nossa região e de outras culturas também.

#### 4.4 FAZENDO BOLO DE CENOURA

Outra atividade realizada no grupo e que teve um aproveitamento relevante para o desenvolvimento de habilidades e competências diversas no que diz respeito ao eixo do brincar foi a proposta da atividade do faz de conta do supermercado onde as crianças teriam que vivenciar um momento de compras, escolha de produtos, reconhecimento de rótulos e até classificar os produtos que compramos por peso e quantidade.

Iniciamos na rodinha perguntando as crianças, elas responderam:

Dialogo 4

Pró: quem aqui já foi ao mercado:

As crianças em coro: Eeeeeeu!

Pró: O que se faz no mercado?

David: Compras Pró, no mercado a gente faz compras.

Perguntamos ainda: quando a gente vai ao mercado?

Paulo: Quando tem que fazer comida, minha mãe vai ao mercado quando tem que fazer comida.

Paulo completou: Mas pra fazer compras tem que pagar! E continuou, quando a gente for para faz de conta quero ser o dono do mercado.

David disse: Quero se quem recebe o dinheiro (Caixa).

Logo o que era uma atividade, inicialmente, planejada com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o gênero textual receita tornou-se um brincadeira a pedido das crianças. E, eu, aceitei o convite!

A partir dai fizemos uma lista com os produtos e objetos que podemos comprar no mercado. Fomos para o faz de conta do supermercado e as crianças começaram a fazer suas compras e ao mesmo tempo preparar “comidinhas”, tudo isso brincando, divertindo-se, trazendo suas vivências de forma lúdica e prazerosa para o momento da aula.

Diante disso, surgiu a ideia de “brincar de receita” que a mamãe prepara quando vai ao mercado, surgiram muitas ideias, muitas receitas como, por exemplo, a receita de carne com quiabo e cenoura, a salada de alface, brigadeiro, bolo de limão, cuscuz de coco, cuscuz de tapioca e bolo de cenoura com cobertura de chocolate, mas fizemos uma votação e as receitas escolhidas pela turma foram a do bolo de cenoura, e carne com quiabo e cenoura e salada de alface. Como tudo se torna brincadeira para nossas crianças então não demorou para fazermos o faz de conta da receita escolhida.

Para o faz de conta da receita de carne com quiabo e a salada foi disponibilizado diversos materiais na sala como, papéis colorido, EVA, folhas diversas e cada criança usou a sua criatividade para preparar a sua receita e fomos descobrindo sobre cores, formas e tamanhos dos objetos utilizados no faz de conta. Deste modo as crianças foram interagindo, compartilhando suas experiências e aprendendo novos conceitos de forma prazerosa.

Além dos conceitos matemáticos contidos nessa situação cuidados com o corpo no manuseio de objetos cortantes como faca, higiene dos alimentos e cuidados com o fogo. Fizemos atividade de pesquisa dos rótulos dos ingredientes da receita. A realização da receita foi uma atividade muito legal. Nesta atividade as crianças participaram com muito entusiasmo. Percebi a satisfação e alegria no olhar de cada uma delas, quando na hora do recreio elas perguntavam aos colegas de outras turmas, “sabia que fui eu que fiz a

merenda hoje?” Pois essa mesma receita foi inclusa no cardápio da escola para ser o lance do dia. Fizemos atividade de pesquisa dos rótulos dos ingredientes da receita.

Na receita do bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Fizemos a lista dos ingredientes destacando as quantidades. Assistimos ao vídeo de uma receita de bolo de cenoura, e em seguida fizemos o faz de conta da receita. Seleccionamos os materiais (ingredientes) que foram areia branca (farinha de trigo, açúcar e sal), terra vegetal (Chocolate para a cobertura), água com tinta guache branca (leite) florezinhas vermelhas (cenouras) as crianças fizeram os bolos, seguindo todos os passos da receita como viram no vídeo. Depois fizemos a receita de verdade e a cada passo as crianças iam participando, interagindo, levantando hipóteses, questionando.

**Figuras 8, 9,10** - Crianças preparando a receita do bolo de cenoura.



#### Dialogo 5

Natan: Pró, no vídeo que a gente assistiu a receita levava três cenouras e aqui só tem uma cenoura e agora?

Cristian: Mas, Pró a cenoura do vídeo era bem pequena e essa e muito grande dá pra partir em três.

Todas as crianças participaram da atividade contando, medindo os ingredientes, quebrando os ovos e batendo o bolo e por fim pediram para lambar a colher e a vasilha. Este bolo também foi servido no lanche par todas

as crianças e foi um momento muito importante para eles, quando conversavam entre si falando “olha esse bolo fui eu que fiz”!

Através da atividade proposta foi possível perceber que as crianças aprendem, mas quando a atividade é desenvolvida por meio de brincadeiras, principalmente quando a brincadeira é proposta por elas, e quando surge a partir do interesse e necessidades das crianças, se sentem valorizadas e participam ativamente de todos os passos para a realização das atividades.

Durante o faz de conta da receita as crianças que não usaram a quantidade certa de água percebeu que o bolo ficou muito mole e não conseguiu desenformá-lo, colocaram para assar depois confeitaram o bolo, cada um usando a sua criatividade.

#### 4.6 FAZENDO UMA FESTA

A volta do recreio é sempre um momento de descanso, relaxamento, preparação para a última atividade do dia, mas esse dia foi marcado por uma “festa” na sala de aula. Ao retornar do pátio para a sala fomos agradavelmente surpreendidas por um grupo de meninas que estavam na porta da sala com as fichas da chamadinha fazendo uma espécie de chamada. Quando perguntamos o que estava acontecendo, que brincadeira era aquela, elas diziam: “Ah”! Pró aqui são os convites pra vir pro “Gosto de Festa”. Uma das meninas que comandava a brincadeira falou:

- “A Gente vai fazer uma festa, mas só entra que tem convite”.

A brincadeira se deu da seguinte maneira: Uma das meninas pegou as fichas e começou a selecionar os convidados da festa chamando-os pelo nome, a criança que estava presente se apresentava e entrava para a festa.

- Nossa mais que legal! E que festa é essa, perguntei? Elas disseram é uma festa que se chama “Gôsto de Festa”.

Logo de cara ficou claro nessa brincadeira que as crianças tinham compreendido qual o valor social de um convite, pois nesta mesma semana, por ocasião da apresentação de um de seminário na escola tínhamos



confeccionado convites para os pais. As crianças que adentravam a sala eram convidadas a arrumar o cenário, colocando mesas e cadeiras para os convidados, fazendo bolo, salgados, suco etc. Após o ambiente estar organizado para a festa perguntei:

- “Essa festa vai comemorar o que?” Então responderam:

- É um aniversário pró, aniversário de Luana,

- Outra criança falou:

- E de Luana também. Ela também fez aniversário. Então vamos cantar parabéns para Laura e Luana.

Após cantar os parabéns, abraçaram a aniversariante e Vitória falou:

- E o presente? Vou dar um presente. Então ela foi à estante pegou dois livros e deu de presente a cada aniversariante. Depois que todos “comeram” o bolo uma das crianças disse agora vamos brincar! Começaram então a modificar o ambiente e arrumar para as brincadeiras como dança da cadeira, torta na cara, enquanto outro grupinho cantava e dançava como se estivesse em um aniversário de verdade.

**Figuras 11, 12 e 13** Crianças brincando de “Gosto de festa”.



#### 4.6. VIAJANDO DE ÔNIBUS

Na última semana de observações para esta pesquisa dentre as muitas brincadeiras observadas uma nos chamou bastante atenção, foi quando um grupo de crianças retirou todas as cadeiras das mesas e organizaram-nas em



fileira fazendo de conta que era um ônibus. Uma das crianças se posicionou na primeira cadeira, pegou uma tampa bem grande para fazer de volante e disse:

- Eu sou o motorista do ônibus.

Durante a brincadeira as crianças fizeram uma grande viagem onde passavam por cidades, bairros e ruas, fazendo paradas para descer e entrar outros passageiros. Nesse contexto acredito que “a criança que brinca investiga e precisa ter uma experiência total que deve ser respeitada. Seu mundo é rico e, em continua mudança, inclui um intercambio permanente entre fantasia e realidade” (ABERASTURY 1992. P.55). Esse intercâmbio permanente entre fantasia e realidade está associado ao fato de estarmos na final do ano letivo, onde se fala muito em férias, viagens, então as crianças já começam a vivenciar suas experiências com a viagem por meio do faz de conta, da brincadeira, retratando assim situações já vivenciadas por elas ou elaborando ali seus desejos e anseios. Muitas crianças viajam acompanhadas dos seus pais para visitar os avós, tios, parentes. Durante a brincadeira uma das crianças que era o condutor do ônibus perguntava logo a cada criança que pedia para viajar naquele ônibus:

- Pra onde você vai? Esse ônibus vai para Alagoinhas. Quem quer ir para Alagoinhas, minha vó mora lá.

A brincadeira contagiou até as crianças que estavam em outras atividades. Elas começaram a interagir com os “viajantes” e uma criança falou:

-Sabia que eu já viajei de ônibus? Outra disse:

-Pró minha mãe se perdeu, ela pegou ônibus errado!

Para Santos (2002):

Para que uma brincadeira funcione verdadeiramente como estímulo para a criança, é necessário que ela tenha despertado o seu interesse e que seja desafiadora”. O interesse da criança está diretamente ligado a sua capacidade de compreensão dos objetivos a que a brincadeira se propõe e das regras a serem respeitadas: Logo deve estar de acordo com a capacidade intelectual de cada criança e do grupo com o qual se está trabalhando, de maneira que todos tenham capacidade de participar ativamente.

**Figura 14** - Crianças brincando de viajar



#### 4.7 BRINCANDO COM PNEUS E DE GALINHA CHOCA

As figuras abaixo demonstram momentos de interação com valiosíssimas aprendizagens por meio do brincar, em que as crianças têm a oportunidade de externar seus sentimentos como alegria, satisfação, desejos, frustrações, medos, revoltas tudo isso de forma espontânea, criativa e confiante.

**Figura 15** - Crianças brincando de pneus



Com esta brincadeira além de estarem exercitando a musculatura, desenvolvendo a coordenação motora ainda estão desenvolvendo noções de matemática, por exemplo, através da contagem dos pneus na hora de cobrir os colegas.

A figura abaixo demonstra uma criança brincando de “galinha choca”. Nesta brincadeira ela finge ser uma galinha em seu ninho chocando os ovos. Esta brincadeira surgiu a partir de um projetinho da turma onde estávamos estudando sobre as galinhas. Num belo dia quando estavam no recreio a

criança trouxe esse aprendizado para a brincadeira imitando a galinha quando está chocando seus ovos.

**Figura 16** - Criança brincando de galinha choca



#### 4.8 ASSISTINDO DESENHO NO COMPUTADOR

Num outro dia de observação flagrei um grupo de crianças numa brincadeira muito interessante, elas estavam brincando de assistir desenho no computador.

Nesta brincadeira elas traziam vivencias do seu contexto familiar onde vivenciavam estas situações no seu cotidiano. A brincadeira mostra as crianças brincando de assistir desenho no computador.

**Figura 17** - Crianças brincando de assistir desenho no computador



Todas as situações observadas e descritas nesta pesquisa foram relevantes para compreender quão significativa é o brincar para criança e que através do brincar elas conseguem realizar-se, tendo a oportunidade de manifesta seus desejos, emoções, ansiedades. Ficou claro que o brincar constitui-se um dos meios essenciais de desenvolvimento infantil bem como das diversas aprendizagens.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de infância pode ser definido como uma fase da vida pela qual todos nós passamos, e é vivida de formas distintas, dependendo da época, local, condições físicas, emocionais e culturais. Na história da educação infantil observamos a transição de uma concepção baseada no assistencialismo para uma educacional. A construção da educação infantil no Brasil surge com a assimilação por parte das elites políticas, de novos preceitos educacionais elaborados na Europa, como a ideia de Jardim de Infância, de Froebel, que deram origem aos parques infantis criados em várias cidades brasileiras, este modelo foi recebido com entusiasmo por um movimento de proteção à infância, este movimento se fortalecia apoiado em uma visão preconceituosa em relação à pobreza e defendia um atendimento caracterizado como uma dádiva aos menos favorecidos.

Por outro lado o poder público combatia esta iniciativa considerando que os jardins tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, portanto não deviam se mantidas pelo poder público e sim pelas famílias afortunadas.

Depois de realizada a pesquisa que embasou o presente tema, conclui-se que a brincadeira é uma necessidade da criança, a partir do momento que ela começa a desenvolver suas relações de âmbito social.

O brincar, conduzido de modo lúdico e criativo, possibilita à criança ampla compreensão e interação social, por permitir, antecipadamente, a ela o acesso e a reprodução de vivências pertencentes ao mundo adulto.

Conclui-se que o brincar é uma forma de representação da realidade social da criança. Este modo genuíno e prático de desvendar seu meio gera aquisições de aprendizagens significativas, as quais contribuirão ao longo dos anos para transformação da criança em adulto criativo, autônomo e autoconfiante. Como nos afirma Kishimoto (2012). “ao brincar a criança entra no mundo imaginário fazendo relações com suas vivências e experiências pessoais, ela apropria-se das informações da realidade à sua volta e utiliza-os no brincar”.

Diante da pergunta investigativa que deu origem a esta pesquisa: Como o brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança de 5 anos? Concluiu-se que o brincar facilita o desenvolvimento e aprendizado mais significativo na fase pré-escolar, bem como aquisição de conhecimentos e habilidades, de forma lúdica e prazerosa. Vygotsky (1998) nos ajuda nesta compreensão quando afirma que ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade. Os dados observados comprovam que através do brincar as crianças, além do desenvolvimento cognitivo desenvolvem relações saudáveis, retratam suas vivências pessoais, demonstram seus interesses, desejos, e desenvolvem as habilidades previstas para esta fase da vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brincadeira e Interações nas diretrizes curriculares para a educação infantil**: Manual de Orientação Pedagógica: modulo 1/Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 64 p.: il. (Brinquedos e brincadeiras nas creches; v.1).

BORTOLUS, Marcos Vinicius. **A Extensão Universitária e a Dança de Shiva. Interfaces** – Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 93-106, jan./jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – DCNEI - (Resolução CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009). Disponível em:<[http://portal.Mec.gov.br/index.php?Option=com\\_content&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859](http://portal.Mec.gov.br/index.php?Option=com_content&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859)> Acesso em: 20 maio de 2015.

CAMPOS, Maria Malta. **Por que é importante ouvir as crianças?** A participação das crianças na pesquisa científica. In. CRUZ, Sílvia H. V. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. Editora Cortez, Monte Alegre, SP, 2008. p. 35 – 42.

CARVALHO, Alysson; [et al.]. **Brincar (es)**. 1. ed. Atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2009. (Infância e Adolescência) .

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; Lucena, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus 2012. (Coleção Papyrus Educação).

CUNHA, Suzana Rangel Viera da (Org.); LINO, Dulcimarta Lemos...[et al.]. **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

EMILIA, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo**/Reggio Children; tradução Thais Helena Bonini. - 1. Ed.- São Paulo: Phorte. 2014. il.(Reggio Emilia)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed.. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar no cotidiano da criança**/ Adriana Friedmann. - São Paulo; Moderna, 2006. (Cotidiano escolar: base de conhecimento).

- FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**/Adriana Friedmann. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012. (Cotidiano escolar: ação docente).
- HUIZINGA, Johan (1872-1945). Tradução Joao Paulo Monteiro. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. estudos/dirigida por J.Guinsburg).
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**/organizadora. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Jogos infantis; o jogo, a criança e a educação**. 14 ed. Petrópolis, RJ: 2007.
- \_\_\_\_\_. **Jogo, brinquedo, brincadeiras e a educação**. 14. ed.- São Paulo: Cortez, 2011.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador, 2ª ed. EDUFBA, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisar a experiência compreender/mediar saberes experienciais**/Roberto Sidnei Macedo. -.ed.-Curitiba,PR:CRV,2015.114 p.
- MACEDO, Roberto Sidnei; Azevedo, Omar Barbosa. **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à aprendizagem formação**. Ilhéus, BA: editus, 2013. 225p.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em formação).
- ORTIZ, Cisele, Carvalho; Maria Teresa Venceslau de; Baroukh, Josca Aline **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. —(Coleção Interações).
- SILVA, Maria Reginalda S.; CABRAL, Carmem Lúcia de **O. Etnopesquisa crítica: caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa em educação**. Disponível em <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI\\_Encontro\\_2010/GT\\_02\\_16.Pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI_Encontro_2010/GT_02_16.Pdf)>. Acesso em 13 de junho de 2015.
- SANTOS, Alice Anjos dos. Arroio dos Ratos, RS, Brasil. graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Educação Infantil, Especial e Transtornos Globais. Disponível em<<http://wwweducacaoinfantillpdf.blogspot.com/2011/11/aprender-brincando>>. Acesso em 30 de junho de 2016.
- Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU. Vol. 5 – N° 11 - Janeiro - Junho 2010. Lagoa Vermelha-RS.taisehoffmann@bol.com.br. Disponível em:<[http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/173\\_1.pdf](http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/173_1.pdf)>/ Acesso em 30 de junho de 2016.